



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

RAQUEL RODRIGUES FEITOZA

**UMA ANÁLISE DAS CONJUNÇÕES NO LIVRO DIDÁTICO
“PORTUGUÊS: LINGUAGENS”, DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**MONTEIR
O 2024**

RAQUEL RODRIGUES FEITOZA

**UMA ANÁLISE DAS CONJUNÇÕES NO LIVRO DIDÁTICO
“PORTUGUÊS: LINGUAGENS”, DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso Letras
Português da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Graduada em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Jordão Joanes Dantas da Silva.

**MONTEIR
O 2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F311a Feitoza, Raquel Rodrigues.

Uma análise das conjunções no livro didático "Português: linguagens", do 8º ano do ensino fundamental [manuscrito] / Raquel Rodrigues Feitoza. - 2024.
33 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Jordão Joanes Dantas da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CCHE".

1. Concepções de gramática. 2. Concepções de linguagem.
3. Livro didático. 4. Conjunções. I. Título

21. ed. CDD 371.32

RAQUEL RODRIGUES FEITOZA

UMA ANÁLISE DAS CONJUNÇÕES NO LIVRO DIDÁTICO "PORTUGUÊS:
LINGUAGENS", DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Artigo Científico apresentado à
Coordenação do Curso de Letras
Português da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Letras

Aprovada em: 22/11/2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Jordão Joanes Dantas da Silva** (***.091.974-**), em **02/12/2024 12:04:46** com chave **c4f64422b0be11ef89932618257239a1**.
- **Rodolfo Dantas Silva** (***.166.954-**), em **02/12/2024 15:42:16** com chave **27173076b0dd11ef95d41a7cc27eb1f9**.
- **Aymmé Silveira Santos** (***.235.214-**), em **02/12/2024 18:38:45** com chave **cea5dfa0b0f511ef82fb1a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Termo de Aprovação de Projeto Final

Data da Emissão: 02/12/2024

Código de Autenticação: 7220b8



“Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.”

(Paulo Freire)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Capa do livro analisado.....	19
Figura 2 –	Apresentação do LD analisado.....	21
Figura 3 –	Balão de sugestão ao professor sobre como trabalhar as conjunções...	22
Figura 4 –	1º Exercício sobre as conjunções.....	23
Figura 5 –	2º Exercício sobre as conjunções.....	24
Figura 6 –	Momento em que o LD traz a classificação das conjunções.....	25
Figura 7 –	3º Exercício sobre as conjunções.....	26
Figura 8 –	4º Exercício sobre as conjunções.....	27
Figura 9 –	Momento em que o LD traz a definição sobre os tipos de conjunções.....	28
Figura 10 –	5º Exercício sobre as conjunções.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1 Concepções de gramática e linguagem	8
2.2 O ensino de gramática no contexto brasileiro	11
2.3 Livro Didático no contexto brasileiro	11
2.4 Conjunções: perspectiva linguística e tradicional	13
3 METODOLOGIA	17
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

RESUMO

A partir do questionamento de como as conjunções são abordadas no livro didático *Português: Linguagens*, do 8º ano do ensino fundamental, dos autores William Cereja e Carolina Dias Viana (PNLD 2024-2027), livro este presente nas escolas públicas de ensino básico do Brasil. Este trabalho tem por objetivo analisar como essas conjunções são abordadas em exercícios presentes no livro didático citado. A escolha deste livro deu-se quando procuramos um livro que é utilizado atualmente na sala de aula e que concentrasse maior foco no estudo das conjunções. Para refletir a abordagem das conjunções, utilizamos Brasil (2018), Franchi (2001), Possenti (1996), Rojo e Batista (2003), Trindade (2011), dentre outros. A partir de uma pesquisa que segue o paradigma interpretativo e de cunho qualitativo, constatou-se a coexistência de várias perspectivas para o ensino das conjunções no livro didático: uma de gramática normativa, outra de gramática descritiva e também nuances da perspectiva funcionalista. A gramática normativa se evidencia quando na classificação das conjunções; a descritiva se apresenta na conceituação; e a perspectiva funcionalista apresenta-se comprometida com o uso e a reflexão, ou seja, se preocupa com o efeito de sentido que as palavras têm no texto.

Palavras-Chave: concepções de gramática; concepções de linguagem; livro didático; conjunções.

ABSTRACT

Based on the question of how conjunctions are addressed in the textbook *Portuguese: Languages*, for the 8th year of elementary school, by authors William Cereja and Carolina Dias Viana (PNLD 2024-2027), a book present in public elementary schools in Brazil. This work aims to analyze how these conjunctions are approached in exercises present in the aforementioned textbook. We chose this book when we were looking for a book that is currently used in the classroom and that focused more on the study of conjunctions. To reflect the conjunctions approach, we used Brasil (2018), Franchi (2001), Possenti (1996), Rojo e Batista (2003), Trindade (2011), among others. Based on research that follows the interpretative paradigm and has a qualitative nature, it was verified the coexistence of several perspectives for teaching conjunctions in the textbook: one from normative grammar, another from descriptive grammar and also nuances from the functionalist perspective. Normative grammar is evident when classifying conjunctions; the descriptive is presented in the conceptualization; and the functionalist perspective is committed to use and reflection, that is, it is concerned with the effect of meaning that words have on the text.

Keywords: conceptions of grammar; language conceptions; textbook; conjunctions.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que hoje as aulas de gramática muitas vezes não levam os alunos a pensar profundamente sobre as regras e categorias que lhes são apresentadas. Trindade (2011) afirma que isso pode acontecer porque os professores não procuram abordar o conteúdo de forma contextualizada, apenas querem que o aluno o memorize. Porém, compreender e usar a gramática de maneira adequada às diversas situações do dia a dia é fundamental para a comunicação.

A partir de documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), somos conduzidos a pensar que os livros didáticos precisam estimular os alunos a contemplar e usar estruturas gramaticais em suas atividades diárias, o que ajuda na aprendizagem contextualizada. Nessa situação, é importante se perguntar qual a visão de gramática os livros didáticos adotam para o trabalho com as classes de palavras em especial as conjunções, ou seja, enveredam por uma gramática reflexiva e contextualizada, conforme orientam os documentos parametrizadores?

Assim, partindo do questionamento acima o presente trabalho tem por objetivo observar como as conjunções são trabalhadas em atividades gramaticais de um livro didático de língua portuguesa, verificando qual concepção de gramática pauta o trabalho dos autores deste livro. O material analisado será um livro de 8º ano da coleção “Linguagens”, de William Cereja e Carolina Dias Viana, publicado pela Editora Saraiva em 2022. A escolha desta classe de palavras se deu a partir de discussões e textos vistos na disciplina de metodologia do ensino de língua portuguesa, no curso de licenciatura de letras português.

De acordo com Rojo e Batista (2003) é comum a crença de que os livros didáticos inclinam-se para o ensino de uma gramática normativa. Com isso, não permite que os alunos reconheçam a importância do material gramatical que lhes é mostrado, nos eventos de práticas sociais envolvendo o uso da língua. Deste modo, novas análises se fazem necessárias para verificar a maneira como esses instrumentos pedagógicos estão se adaptando (ou não) aos avanços alcançados na Linguística e na Linguística Aplicada.

Estaremos respaldando nossa redação em documentos e textos de escritores especialistas na área que orientam como a língua portuguesa pode ser ensinada, a exemplo de Brasil (2018), Franchi (2001), Possenti (1996), Rojo e Batista (2003), Trindade (2011), entre outros.

O artigo está dividido em quatro seções, além da introdução, e quatro subseções que discutem diferentes elementos sobre o que está sendo discutido. Na estrutura do a introdução

temos uma seção com a base teórica apresentando estudos sobre conceitos de língua e gramática, bem como discursos sobre como a gramática é ensinada nos livros didáticos de português. A mesma seção explora as conjunções, tanto do ponto de vista tradicional quanto linguístico, a próxima seção é voltada para as escolhas metodológicas adotadas no trabalho, em seguida temos a seção de análise do livro didático, momento em que analisamos exercícios que trabalhem as conjunções, e por fim, apresenta-se as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção voltada para os pressupostos teóricos que norteiam o trabalho, baseia-se em referências como Brasil (1998), Franchi (2001), Possenti (1996), Rojo e Batista (2003), Trindade (2011), Travaglia (2021), Castilho (2014), Bechara (2009) entre outros. Divide-se em quatro subseções: 2.1, com as concepções de linguagem e gramática, 2.2, que discorre sobre o ensino de gramática no contexto brasileiro, 2.3, na qual o LD é contextualizado na educação brasileira, e 2.4, em que as conjunções são apresentadas nas perspectivas tradicional e linguística.

2.1 Concepções de gramática e linguagem

As ideias de gramática e linguagem muitas vezes se confundem, talvez porque nem todos tenham o conhecimento acadêmico necessário para compreender essas ideias, já que ambas se referem a objetos parecidos. Discutimos aqui algumas definições dos conceitos com ajuda de especialistas no assunto.

Quando as pessoas falam sobre o que chamam de gramática, geralmente a dividem em três tipos: a gramática normativa, a gramática descritiva e a gramática internalizada. Possenti (1996) diz que, embora todas essas ideias sejam baseadas em regras, elas têm características próprias e únicas, fazendo com que não sejam iguais umas às outras.

Segundo Possenti (1996), a **gramática normativa** refere-se a um “conjunto de regras que devem ser seguidas — é a mais conhecida do professor de primeiro e segundo grau, porque é em geral a definição que se adota nas gramáticas pedagógicas e nos livros didáticos” (Possenti, 1996 p. 64).

Essa gramática normativa baseia-se nos padrões da linguagem escrita e é amplamente utilizada em situações formais como na redação de textos acadêmicos, publicações e correspondências oficiais. Estabelece os parâmetros de correção que incluem regras

ortográficas, acordos de acentuação, regências, entre outros aspectos. Franchi (2001) faz afirmações semelhantes no que se refere à gramática normativa: "um conjunto sistemático de normas para falar e escrever bem, elaborado por especialistas com base na forma como a linguagem é usada por grandes autores" (Franchi, 2001 p. 17).

Segundo o referido autor, a gramática é um conjunto de regulamentações sistemáticas estabelecidas por especialistas para direcionar o uso adequado da linguagem, seja ela falada ou escrita. Essas regras são estabelecidas devido à convenção de escritores proeminentes nas práticas linguísticas como um ideal de excelência e sofisticação. A gramática, nesse sentido, não só atua como um guia para uma comunicação bem-sucedida e apropriada, mas também preserva e eleva a riqueza da língua portuguesa.

A **gramática descritiva** pode ser caracterizada, de acordo com Possenti (1996), por focar na importância de compreender a linguagem conforme ela é praticada, em vez de ditar normas e regras consideradas perfeitas. Os estudiosos desta área comprometem-se a analisar e descrever estruturas linguísticas reais, observando como as pessoas realmente utilizam a linguagem todos os dias. Essa proposta mostra-se mais prática para a compreensão sobre linguagem de forma mais completa, pois considera a variedade linguística e as mudanças que ocorrem nas diversas situações e na comunidade de falantes.

A linguística adota a gramática descritiva para obter uma compreensão científica da linguagem, voltando-se para dados reais e observáveis. Ela procura regularidades e padrões nas línguas sem forçar quaisquer regras predefinidas ou fazer julgamentos sobre como as pessoas usam a linguagem. Este método é neutro e apenas descreve coisas – não tenta dizer o que é certo ou errado. Permite que os linguistas sejam objetivos e imparciais ao analisar línguas o que ajuda a impulsionar a nossa compreensão da língua, para que tenhamos uma ideia melhor de como ela realmente funciona quando as pessoas falam e escrevem.

A **gramática internalizada**, conforme explicada por Possenti (1996), é uma parte crucial na forma como falamos e nos entendemos. Essa gramática é adquirida durante o desenvolvimento das habilidades linguísticas e vem da exposição e prática constantes. É um conjunto de regras e estruturas linguísticas mantidas na mente do falante que lhe permite produzir e compreender frases de maneira adequada e rápida. Essa habilidade é adquirida de forma gradual e instintiva, melhorando as experiências comunicativas do falante.

Outra concepção de gramática que devemos considerar é a **gramática funcionalista**, abordada por Castilho (2014), na qual de acordo com o autor está “procura correlacionar as

classes, as relações e as funções com as situações sociais concretas em que elas foram geradas”.(Castilho, 2014, p. 68).

Essas concepções de gramática apoiam-se em concepções de linguagem também presentes nos estudos linguísticos. Travaglia (2021) destaca três concepções de linguagem: linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como forma de interação.

Sobre a primeira perspectiva – **linguagem como expressão do pensamento** – Travaglia (2021) argumenta que nessa concepção entende-se que:

[...] as pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constroem a situação social em que a enunciação acontece. (Travaglia, 2021, p. 20).

Basicamente, o aspecto chave é apresentar os pensamentos de uma maneira organizada que faça sentido mesmo que não dependa da maneira como se comunica. Travaglia (2021) acredita que a visão das pessoas em relação a linguagem como expressão do pensamento serve para expressar o que se pensa; ele diz que isso é lógico porque as pessoas tendem a seguir padrões globais para categorizar, dividir e quebrar as coisas através do cosmos, aderindo a um conjunto de regras sobre o que é correto ou não.

Quanto à **linguagem como instrumento de comunicação**, Travaglia (2021, p. 22) afirma que “Nessa concepção a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor,” desse modo, ainda como aponta Travaglia (2021), os falantes da língua precisam ter o seu domínio. O uso desse código é um ato social, que envolve pelo menos duas pessoas, e é necessário que isso aconteça de forma semelhante, para que a comunicação aconteça de forma clara e objetiva dentro da comunidade em que esses indivíduos estão inseridos.

Para a terceira perspectiva – **linguagem como forma de interação** –, Travaglia (2021) define a linguagem como meio ou processo de interação. Nessa perspectiva, segundo o autor, o indivíduo ao fazer o uso da língua, não está somente expressando um pensamento, ou transmitindo informações, mas sim realizando ações e causando influência no interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é um espaço de interação humana no qual são produzidos efeitos de sentido entre interlocutores, dentro de um determinado contexto sócio-histórico e ideológico.

2.2 O ensino de gramática no contexto brasileiro

Trindade (2011) aponta que o ensino de gramática é, por vezes, confundido com o ensino de gramática normativa. A autora observa que nos contextos de aprendizagem da língua portuguesa, a língua padrão e a gramática são erroneamente vistas como a mesma coisa – há uma tendência a focar exclusivamente em gramáticas normativas ou prescritivas baseadas em regras, negligenciando um olhar mais amplo a partir das gramáticas descritivas.

Trindade (2011) ainda evidencia uma outra questão do ensino de gramática que diz respeito à metodologia. Parece que a gramática normativa é fragmentada na hora de escolher o conteúdo de determinada área temática e acaba identificando apenas tipos que tratam principalmente de morfologia e sintaxe. Isso faz com que os alunos pensem que realmente existe uma disciplina conhecida como gramática normativa. Nisso, os alunos não percebem ligações da gramática com a leitura ou a escrita, nem se atentam para o papel significativo no processo formativo.

Isso também fica evidente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ao apontarem que a gramática,

ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano, uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia. (Brasil, 1998, p. 28).

Antunes (2003) também destaca que o ensino da gramática tradicional é frequentemente descontextualizado e desconectado dos usos reais da língua, tendo em vista que essa gramática se pauta em regras e classificações, sem considerar a comunicação funcional e os contextos em que a língua é realmente usada. Desse modo, teoricamente os alunos deveriam aprender a identificar e classificar unidades gramaticais, porém muitas vezes esse aprendizado não ocorre, tão pouco os alunos refletem as circunstâncias de uso da língua nos diferentes contextos de comunicação.

A autora ainda salienta que essa abordagem da gramática é vista como inflexível e prescritiva, se detendo apenas em distinguir o “certo” do “errado”, sem levar em consideração a função comunicativa. A gramática tradicional, desse modo, não prepara os discentes para o uso real e eficaz da língua, com isso ignora aspectos textuais e discursivos importantes para a competência comunicativa.

2.3 Livro Didático no contexto brasileiro

O livro didático (LD) é um instrumento educacional utilizado como auxiliar na tarefa de ensinar e aprender, ajudando tanto o professor quanto o aluno a compreender e desenvolver novos conteúdos. Ele contém informações e atividades que complementam as aulas ministradas. No cenário educacional brasileiro, “as primeiras ideias sobre o livro didático surgiram em 1929, propiciando a criação o do Instituto Nacional do Livro – INL (Carato e Barcelos, 2021, p. 90). Esse Instituto foi criado para dar legitimidade ao livro didático e ajudar na sua produção. Mas isso permaneceu apenas no papel por muitos anos; somente em 1934, sob o governo Vargas, o instituto começou a produzir um dicionário nacional e uma enciclopédia e a disponibilizar mais bibliotecas públicas.

Ainda, de acordo com os estudos de Silva (2008), ao longo de um período de 67 de anos (1929 a 1996), vários governos tentaram trazer o livro didático para a sala de aula de forma que atendesse a todos os alunos, mas só obtiveram sucesso após a extinção da FAE (Fundação de Assistência ao Estudante), em 1997, e com a transferência integral da política de execução do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), atualmente nomeado de (Programa Nacional do Livro e do Material Didático)¹ para o FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), deu-se início à produção e distribuição contínua e em massa dos livros didáticos nas escolas. Desde então, os livros didáticos tornaram-se um recurso padrão nas escolas, fornecidos gratuitamente aos alunos de escolas públicas.

O estudo de Rojo (2003) sobre livros didáticos de língua portuguesa para escolas primárias enfatiza o seu papel fundamental na formação de práticas de ensino e aprendizagem. A autora sublinha que estes livros influenciam muito o que é ensinado, e no método utilizado pelos professores. Eles afetam poderosamente o modo como os alunos desenvolvem suas habilidades no idioma, na leitura e na escrita de textos.

Na sua análise dos livros didáticos de língua portuguesa, Rojo (2003) encontra vários problemas e obstáculos que precisam ser enfrentados. Ela ressalta que há necessidade de uma perspectiva crítica sobre o que está sendo trabalhado nesses livros didáticos, desafiando estereótipos e preconceitos na linguagem que eles possam conter. Ela também enfatiza como é crucial haver uma variedade maior de gêneros textuais e uma conexão desse conteúdo ao contexto da vida real para que os alunos venham a aprender melhor e se envolver mais (tanto na aprendizagem como na sociedade enquanto cidadãos).

¹ Pois abrange e fornece outros materiais além do livro didático, tais como: dicionários, multimídias, obras literárias, dentre outros.

Rojo (2003) ainda destaca o quão crucial é o papel dos professores durante a escolha e implementação de livros de língua portuguesa. Ela enfatiza que os educadores devem reconhecer o que esses recursos podem ou não fazer, ajustando às necessidades específicas de seus alunos e, ao mesmo tempo, aprimorando-os com diferentes materiais e exercícios. Esse uso criterioso pelo educador garante que os livros didáticos se transformem em ferramentas úteis no ensino da língua portuguesa.

Quanto à gramática no LD, Duarte (2012) argumenta que seu ensino segue duas principais abordagens. A primeira é a tradicional, com o uso de conceitos que não ajudam claramente o aluno a identificar o objeto de estudo, haja vista o foco em classificações sem critérios coerentes em normas desatualizadas. A segunda abordagem é a que abandona o ensino da gramática que vem no livro didático, dispondo o conteúdo em um apêndice e oferecendo apenas um resumo superficial do que está associado à gramática tradicional.

Apesar de parecer inovadora, essa abordagem não contribui para que o aluno reflita sobre a sua língua a partir de uma compreensão que vai da macroestrutura do texto até as suas menores partes para o entendimento de suas relações. Como também destaca Rojo (2003), ao afirmar que muitos livros didáticos de língua portuguesa apresentam uma gramática normativa e pouco reflexiva, abordagem esta que acaba por dificultar a integração do conhecimento gramatical com o uso prático da língua.

2.4 Conjunções: perspectiva tradicional e linguística

As conjunções são importantes recursos na língua portuguesa responsáveis por unir os elementos nas orações em um mesmo enunciado, estabelecendo uma relação de sentidos entre esses elementos e tornando a comunicação mais clara e precisa. Desse modo, nesta seção abordamos essa classe de palavras, observando sob duas perspectivas: a da gramática tradicional e a da linguística.

Na gramática tradicional, Bechara (2009) classifica as conjunções em dois tipos: as coordenadas e as subordinadas. Para as coordenadas, o autor expõe que elas “reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se independentes umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados” (Bechara, 2009, p. 394). Como exemplo, o autor menciona a oração complexa “Pedro fez concurso para medicina, e Maria se prepara para a mesma profissão” (Bechara, 2009, p. 394), que possui orações que poderiam ser ditas de maneira independente. Desse modo, a conjunção coordenada é um conector que, como tal, pode conectar também unidades menores que a oração.

Bechara (2009) aponta que as conjunções subordinadas desempenham um papel diferente das coordenadas. Enquanto as coordenadas unem orações, as subordinativas funcionam como transpositores, transformando um enunciado em uma função de palavra. Para exemplificar, o estudioso apresenta o enunciado, no exemplo que o autor traz o enunciado “*soubemos que vai chover*”, a conjunção subordinada **que** mostra que a oração **vai chover**, embora pudesse ser independente, se insere em um enunciado complexo, perdendo assim sua independência para atuar com objeto direto do verbo **soubemos**. Desse modo, segundo o autor, a oração “**que vai chover**” é considerada “degradada”, ao nível da palavra devido a subordinação, passando a exercer funções sintáticas específicas.

Bechara (2009) discorre também que as coordenativas se classificam em três tipos, de acordo com o significado que atribuem as unidades que unem: as aditivas, alternativas e adversativas. As conjunções aditivas indicam as unidades que unem (palavras, grupos de palavras e orações), que se relacionam por meio de adição. Essas conjunções aditivas se dividem em duas principais, uma para a adição de unidades positivas que é a conjunção “**e**”, e outra para unidades negativas que é a conjunção “**nem**”.

Já as conjunções alternativas ligam unidades com um valor de alternância, expressando incompatibilidade ou equivalência dos conceitos envolvidos. A mais comum é a conjunção “**ou**”, esta que pode ser usada sozinha ou duplicada; já em relação às adversativas, juntam unidades que apontam uma oposição entre elas, as mais comuns são, “**mas**”, “**porém**” e “**senão**”. Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem conectar duas ou mais unidades, as adversativas se limitam a duas unidades.

Bechara (2009), também disserta que a conjunção subordinativa transforma uma oração degradada ou subordinada em equivalente a substantivo, que desempenha uma função sintática dentro de uma oração complexa. Essa oração complexa se define como aquela que inclui um ou mais termos sintáticos na forma de uma oração subordinada; por exemplo em “*Esperamos que todos venham ao baile*”, a oração “**que todos venham ao baile**” é transposta pela conjunção “**que**” para exercer a função de objeto direto do verbo “**esperamos**”, assim como um substantivo faria.

Outro estudioso da perspectiva tradicional é Cegalla (2008), que define as conjunções como “uma palavra invariável que liga orações ou palavras da mesma oração” (Cegalla, 2008, p. 288). O autor divide as conjunções em três tipos: coordenativas, subordinativas e conjuntivas. Ele divide as conjunções coordenativas em aditivas, que transmitem a ideia de acréscimo (*e, nem, mas também, mas ainda, senão também, como também, bem como*), adversativas, que expressam a ideia de oposição, contraste, ressalva, compensação (*mas, porém, todavia,*

contudo, entretanto, senão, ao passo que, antes (= pelo contrário), no entanto, não obstante, apesar disso, em todo caso.), alternativas, que passam a ideia de alternância (*ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer, etc.*), conclusivas, que iniciam uma conclusão (*logo, portanto, por conseguinte, pois (posposto ao verbo), por isso*), as coordenadas explicativas introduzem uma explicação ou justificativa para o que foi dito anteriormente, (*que, porque, porquanto, pois (anteposto ao verbo)*).

Sobre as conjunções subordinativas, estas ligam duas orações, subordinando uma à outra. Com exceção das integrantes, iniciam orações que traduzem circunstâncias e, conforme Cegalla (2008, p. 291), apresentam as seguintes classes: causais, comparativas, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, finais e proporcionais.

Classe das causais introduzem orações que expressam causa, a exemplo de *porque, que, pois, como, porquanto, visto que, visto como, já que, uma vez que, desde que*. As comparativas inserem orações que apresentam o segundo elemento de uma comparação, a exemplo de *como, (tal) qual, tal e qual, assim como, (tal) como, (tão ou tanto) como, (mais) que ou do que, (menos) que ou do que, (tanto) quanto, que nem, feito (= como, do mesmo modo que), o mesmo que (=como)*.

As concessivas iniciam orações que exprimem um fato que se concede, que se admite, em oposição a outro: *embora, conquanto, que, ainda que, mesmo que, ainda quando, mesmo quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que, em que (pese), nem que, dado que, sem que (= embora não)*. Já as conjunções subordinativas condicionais são responsáveis por iniciarem orações que expõem condição ou hipóteses, a exemplo de *se, caso, contanto que, desde que, salvo se, sem que (= se não), a não ser que, a menos que, dado que*. As subordinativas conformativas, como sugere a nomenclatura, indicarão conformidade de um fato com outro (*como, conforme, segundo, consoante*).

As subordinativas consecutivas iniciam orações que exprimem consequência, *que precedido* dos termos intensivos *tal, tão, tanto, tamanho*, às vezes subentendidos, *de sorte que, de modo que, de forma que, de maneira que, sem que, que (não)*. As subordinativas finais iniciam orações que representam finalidade: *para que, a fim de que, que (= para que)*. Por fim, as conjunções subordinativas proporcionais iniciam orações que exprimem finalidade (*para que, a fim de que, que (= para que)*).

Partindo para o campo da linguística, Perini (2010) disserta que as conjunções executam um papel paralelo com as preposições, entretanto elas se manifestam em um contexto diferente, pois enquanto as preposições se conectam aos substantivos, as conjunções têm o papel de conectar orações. Essa diferença é essencial para compreender a diferença entre esses dois

conectores, visto que as preposições normalmente introduzem informações sobre tempo, lugar, modo ou posse em relação a um substantivo dentro de um sintagma nominal, já as conjunções criam relações lógicas entre as ideias expressas em orações diferentes.

Como exemplo, aponta a frase “*A tia Rosa disse que vai chover*”. A sequência *que vai chover*, no enunciado, é um sintagma nominal, como também ocupa o papel do objeto do verbo *disse*. A conjunção *que* + *oração* forma um sintagma nominal, com função sintática e papel temático, nesse enunciado o sintagma nominal é o objeto da oração e tem o papel temático de mensagem. (Perini, 2010, p. 314).

Observando as colocações de Perini (2010), o papel das conjunções de conectar as orações é fundamental para a estruturação do discurso e para a transmissão de ideias complexas. Ao organizar a conexão entre diferentes frações do texto, as conjunções contribuem para a coesão e a coerência do discurso, fazendo com que o leitor e o ouvinte possam compreender as relações entre as ideias expostas.

Seguindo pensamento semelhante, Castilho (2014) apresenta as conjunções como elementos que permitem conectar as orações entre si, como podemos notar no fragmento abaixo:

Trata-se de palavras dotadas de uma função conectiva, cuja peculiaridade entre os demais conectivos seria a capacidade de se aplicarem a um tipo particular de objetos linguísticos, as orações. Essa característica bastaria para distinguir as conjunções de outro tipo de conectivo que sempre se aplica a termos da oração (Castilho, 2014, p. 343).

O autor ainda destaca que uma conjunção típica é aquela que é externa às orações que conecta, de modo que não desenvolve nestas orações qualquer papel definido pela estrutura gramatical das mesmas. Castilho (2014) ainda argumenta que:

Com respeito a essa propriedade, tem-se lembrado que os pronomes relativos, ao mesmo tempo que conectam constituintes, desempenham papéis argumentais ou de adjuntos no interior da sentença. Outras conjunções têm comportamento semelhante, como as correlatas, cujo primeiro termo é um adjunto adverbial, como nas correlatas concessivas, ou nas interrogativas indiretas “que correspondem a perguntas localizadas de tempo, causa, lugar, modo, etc, em que a conjunção funciona como argumento ou adjunto da subordinada, e, ao mesmo tempo, de tema da oração regente. (Castilho, 2014, p. 343).

Na citação acima, Castilho (2014) traz os pronomes relativos desempenhando um duplo papel, ou seja, eles conectam diferentes partes da sentença e, ao mesmo tempo, comportam-se como argumentos ou adjuntos dentro das orações. Resumindo, eles não fazem apenas a ligação entre constituintes, mas assumem também funções gramaticais que contribuem para o significado completo da sentença.

O autor ainda chama atenção para o comportamento de algumas conjunções, em específico as correlatas concessivas, ou as interrogativas diretas, no qual elas têm comportamento semelhante aos pronomes relativos. Isso acontece porque, o primeiro termo dessas conjunções comumente age como um adjunto adverbial, ou seja, fornece informações adicionais de tempo, causa, lugar e modo, dessa maneira ajudando a estruturar as sentenças de forma lógica e coesa, desse modo, esses elementos linguísticos são fundamentais para a clareza e a precisão da comunicação escrita e falada, pois permitem uma construção mais rica e completa das ideias.

Castilho (2014) traz também a caracterização das conjunções coordenadas e subordinadas, argumentando que elas representam expansões de uma sentença simples. Nas coordenadas, o papel do elemento acrescentado é igual ao dos elementos preexistentes. Já na subordinação, o elemento subordinado tem a função sintática distinta da do superordenador, na qual a modifica semanticamente. Ele ainda destaca que a coordenação é um procedimento combinatório sintático de termos equivalentes, inseridos no mesmo nível de uma estrutura hierárquica, que opera por simples justaposição ou por meio de um elemento conectivo.

Castilho (2014) ainda destaca que muitos argumentos retomaram na linguística moderna a conveniência de distinguir sentenças coordenadas de sentenças subordinadas. Tendo-se examinado a natureza dessas relações, esses argumentos são os seguintes, que na coordenação as sentenças são idênticas ou equivalentes, já na subordinação elas não se equivalem, o autor ainda destaca que as sentenças coordenadas não podem ser focalizadas, pois não funcionam como constituinte de outras sentenças, o que ocorre com as subordinadas.

Outro argumento que o autor traz em relação a diferenças entre essas sentenças, é a simetria semântica entre as coordenadas e a assimetria entre as subordinadas. Castilho (2014) mostra também que apesar das diferenças entre sentenças coordenadas e subordinadas, em ambas ocorrem processo de derivação morfológica e que casos de coordenação podem ser tratados como expressões de estruturas sintáticas e semanticamente, o que se aproxima dos casos de repetição, um compromisso teórico funcionalista.

A próxima seção trata da metodologia, ou seja, traz os métodos que foram usados no desenvolvimento do presente trabalho.

3 METODOLOGIA

Tomando por base a nossa pergunta de pesquisa e o nosso objetivo a ser alcançado neste trabalho, a metodologia que utilizamos é a pesquisa que segue o paradigma interpretativo, dado

que nossas análises não são de cunho experimental ou baseadas no positivismo próprio das ciências exatas. Ainda, a pesquisa é qualitativa por explorar, segundo Moreira e Caleffe (2006), as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente.

Quanto ao tipo de pesquisa, trata-se de uma pesquisa documental por caracterizar-se, segundo Moreira e Caleffe (2006), pela coleta de dados que só pode ser feita em documentos escritos ou não. Além disso, segundo os autores, a pesquisa documental pode ser realizada em bibliotecas, institutos, centros de pesquisa, museus e em acervos particulares, como também em lugares que sirvam como fonte de informações para o levantamento de documentos, abaixo os autores trazem passos para a realização de uma pesquisa documental, como; “a) determinar os objetivos da pesquisa; b) escolher os documentos; c) acessar os documentos; d) analisar os documentos; e) redigir o relatório”. (Moreira e Caleffe, 2003, p. 75).

Quando procurávamos livros, baseamos nossa decisão naqueles com partes que focam a classe de palavras conjunções. Com isso iniciou-se uma pesquisa a um livro que contivesse o conteúdo a ser analisado. Após as pesquisas, o que mais se adequou ao que se pretendia estudar foi a versão online do livro de 8º ano manual do professor da coleção “Linguagens”, de William Cereja e Carolina Dias Viana, publicado pela Editora Saraiva em 2022 (ver capa na figura 1).

Também queríamos um livro que fosse usado pelos alunos do ensino básico no momento atual nas escolas públicas do país, desse modo o quadriênio (2024-2027) do PNLD foi também fator importante na escolha deste livro. Através de análises como essa podemos observar como o ensino da gramática acontece nos livros didáticos atuais, e também valorizar o seu uso na sala de aula, uma vez que sabemos da importância de um material como este para o ensino e aprendizagem dos nossos discentes, tendo em vista que o LD torna-se uma ferramenta de apoio e de complemento ao professor, ao modo que ele pode utilizá-lo de várias maneiras buscando alcançar o objetivo que planejou para a sua aula.

Figura 1: Capa do livro analisado ²



Fonte: Cereja e Viana (2022, p. 02).

Partindo do nosso percurso de estudos sobre conjunções no LD, a seção seguinte é voltada para a análise do LD em questão, na qual contém a apresentação de exercícios que o mesmo traz para analisar como é abordado o estudo da classe de palavras em questão. Neste LD os autores, na apresentação da obra para os alunos, trazem uma perspectiva interacionista da linguagem:

[...] esta coleção propõe um caminho intermediário entre o ensino da gramática normativa fora de contexto, que impõe regras descompassadas com o tempo atual dos alunos e a língua falada por eles, e o abandono total de seus conceitos e regras. Acreditamos que o roteiro de conteúdos da gramática normativa pode ser trabalhado em favor de um ensino pautado em uma reflexão crítica, funcionando como um guia

² Disponível em: <<https://www.edocente.com.br/pnld/portugues-linguagens-8o-ano-pnld-2024-objeto-1-anos-finais-ensino-fundamental/>>. Acessado em: 19/04/2024

de localização e organização dos conteúdos curriculares ao longo dos quatro anos do segundo ciclo do Ensino Fundamental. (Cereja e Viana, 2022, p. XXVI).

Desse modo, observamos que o LD de fato cumprem o que promete, ao modo que um método equilibrado para o ensino da gramática normativa. Cereja e Viana (2022) evitam tanto o ensino descontextualizado e rígido da gramática normativa, quanto o abandono geral de suas regras e conceitos. Com isso, essa proposta é usar o conteúdo gramatical normativo como um norteador estruturado e organizado para os alunos, ao modo que possam refletir criticamente sobre o uso da língua.

Cereja e Viana (2022) para a elaboração desse LD também observaram o disposto na BNCC ao pensarem no conteúdo gramatical, de modo que os conteúdos gramaticais da coleção encontram-se dispostos em um sequencial que pode ser interpretado como “clássico”, porém o trabalho com esses conteúdos visa focar na análise de textos e discursos, e não apenas em conceitos.

Assim, em vez de explorar uma gramática que seja considerada normal para uma língua padrão imposta aos alunos, a proposta é analisar essa mesma norma, que deve, sim, de nossa perspectiva, ser conhecida e dominada por eles, mas em contraste com as diversas variedades do português brasileiro encontradas em sua diversidade regional e, especialmente, nas comunidades de cada escola que venha a utilizar esta obra. (Cereja e Viana, 2022, p. XXVI)³

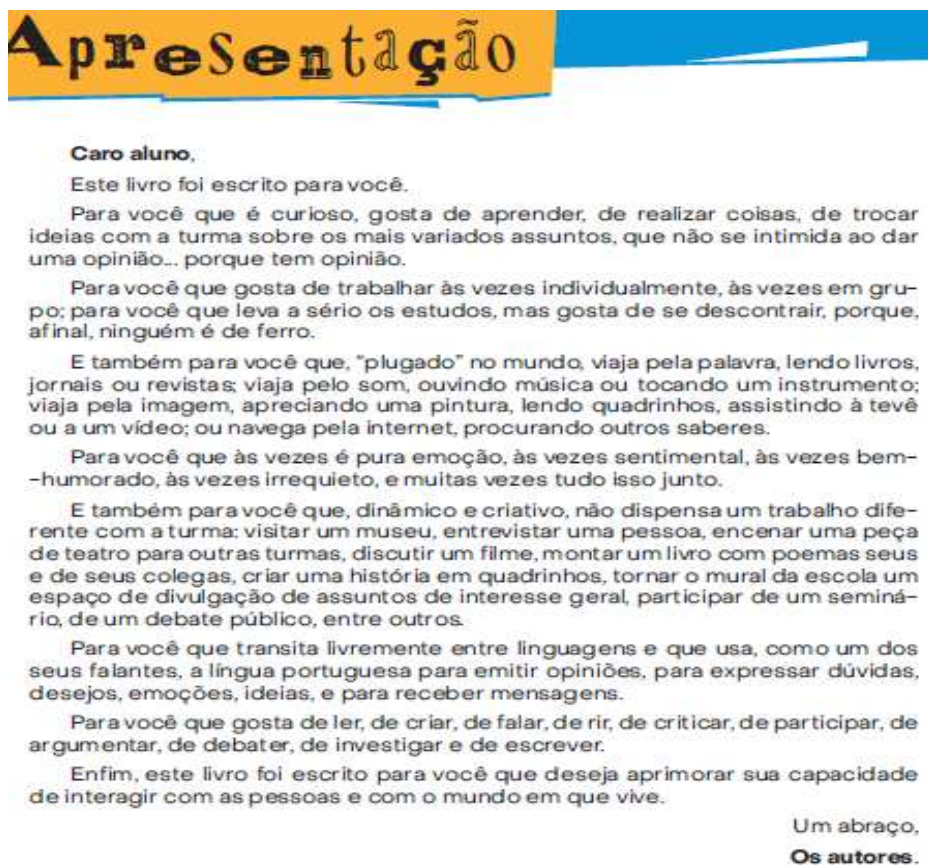
Essa proposta mencionada frisa a importância de um ensino de gramática que não seja imposto de maneira rígida e descontextualizada, mas sugere que a norma padrão da língua deve ser ensinada e dominada pelos discentes, mas nem sempre em contraste com a variedade do português brasileiro.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, como o nome sugere, encontra-se a análise do LD. Esta análise consiste em observar os exercícios do LD e comentar sobre os mesmos à luz dos teóricos já citados no presente trabalho. O livro didático analisado foi o da coleção *Linguagens*, do 8º ano, da editora Saraiva. A figura 2 abaixo traz uma breve apresentação do livro escrita pelos autores para os alunos, descrevendo o que eles almejam na elaboração do livro.

³ A numeração de páginas em números romanos no LD, acontece para diferenciar das demais páginas apresentadas mais à frente. Isso ocorre, pois o LD utilizado é o manual do professor.

Figura 2: Apresentação do LD analisado



Fonte: Cereja e Viana (2022, p. 3).

O livro estudado apresenta uma proposta interacionista da linguagem. Nessa proposta, segundo Travaglia (2021), a linguagem é um espaço de interação humana no qual são produzidos efeitos de sentido entre interlocutores, dentro de um determinado contexto sócio-histórico e ideológico. Como o livro traz no final da apresentação, vislumbra-se aquele aluno que quer aprimorar a sua capacidade de interagir com as pessoas que o cercam e também com o mundo, através de inúmeras formas de uso linguístico que o aluno emprega na sua interação com a comunidade, como emitir opiniões, expressar dúvidas, desejos, emoções etc.

O livro está organizado em 4 unidades, cada uma com 3 capítulos nos quais são abordadas questões sobre produção de textos, leitura, oralidade e estudos sobre a estrutura e funcionalidade da língua através de exercícios advindos do estudo do texto. Inserido no estudo sobre a língua está a classe das conjunções, foco deste trabalho.

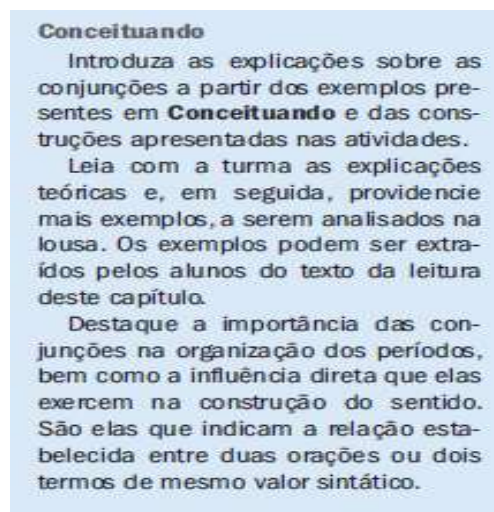
No LD analisado, a classe de palavras conjunções é apresentada na unidade 4, nos capítulos 1 e 3, na seção *A língua em foco*, porém a ênfase da nossa análise é o capítulo 1, por ele conter foco maior no estudo das conjunções, pois no mesmo encontram-se muitos exercícios sobre o tema, como também as classificações e conceitos. Além dessa seção, a unidade apresenta o estudo de alguns gêneros textuais (artigos, contos, charges, poemas etc.) e

trabalha algumas habilidades (leitura, escrita, oralidade e análise e interpretação). Além das conjunções, a unidade também trabalha outras classes de palavras (substantivo, adjetivos, verbos, advérbios e interjeições).

No capítulo 1 o livro aborda a definição das conjunções, conceitualizadas e classificadas em coordenativas e subordinativas. Para abordar a classe conjunções, o LD introduz o estudo por meio de questões em exercícios. Porém, antes os autores expõem um exercício que está representado nas figuras 3, 4 e 5 abaixo.

Na figura 3, temos uma sugestão de como o professor pode trabalhar o conhecimento concernente às conjunções em sua aula.

Figura 3: Balão de sugestão ao professor sobre como trabalhar as conjunções.



Fonte: Cereja e Viana (2022, p. 232).

Essa sugestão na figura 3 que o LD passa para o professor, segue a concepção da linguagem como interação, ao modo que promove a interação entre os alunos e o texto, incentivando a leitura e a análise conjunta dos exemplos práticos na construção de sentido. Nesse contexto, a língua é vista como um instrumento de comunicação e interação social, pois nesta concepção a língua é vista como um código, ou seja, um conjunto de signos que se combinam segundo as regras, como apontam os estudos de Travaglia (2021).

No que se refere às concepções de gramática, podemos identificar uma gramática descritiva que, conforme Possenti (1996), caracteriza-se por focar na importância de compreender a linguagem conforme ela é praticada. Ao modo que induz à análise de exemplos reais, também traz ênfase na função e sentido, tendo como foco compreender a importância das conjunções na construção de sentido e na organização de períodos, considerando o contexto de uso, como também traz a interação e a contextualização ao incentivar a análise coletiva e a contextualização dos exemplos, trazendo uma visão dinâmica da gramática.

Partindo para os exercícios, vejamos a figura 4:

Figura 4: 1º Exercício sobre as conjunções.

A LÍNGUA em foco

CONJUNÇÃO

Construindo o conceito

1. Leia novamente este trecho do artigo de opinião de Dodô Azevedo que você estudou no início do capítulo.

O negro conveniente não incorpora a cultura alho em seu cotidiano e não se engaja em questões de raça.

a) Copie o quadro a seguir no caderno e preencha-o indicando quais são as duas críticas feitas pelo autor sobre o "negro conveniente".

Crítica 1	Crítica 2

b) Identifique quais são as duas orações que formam o período citado.

c) Esse trecho poderia ser reescrito em dois períodos. Reescreva-o.

d) Agora identifique a palavra que liga as orações do trecho original.

e) Qual relação essa palavra estabelece entre as orações?

Fonte: Cereja e Viana (2022, p. 232).

Esse exercício⁴ não aborda de forma direta a classe de palavras, mas se observarmos mais detalhadamente, as letras (d) e (e), pedem para identificar a palavra que liga as orações e a relação que essa palavra estabelece nessas orações, o mesmo acontece com a segunda questão do exercício exposto na (figura 5) abaixo, nas letras (a) e (b).

Já em relação às outras questões a), b) e c), do exercício da figura 4 chamamos a atenção para o fato de que essas questões de identificação são mais prescritivas e normativas, pois

⁴ Na questão 1 deste exercício traz o artigo de opinião, que é parte de um texto que consta na unidade, texto esse que trata do racismo, desse modo os autores da obra trazem uma temática relevante para se trabalhar, também, em sala de aula promovendo uma educação anti racista.

questões que solicitam reescrita, como a b) se preocupam um pouco mais com o estímulo à reflexão dos usos gramaticais, pois o aluno deverá manter o sentido original do trecho.

Figura 5: 2º Exercício sobre as conjunções.

2. Leia estes dois trechos, também extraídos do artigo de opinião de Dodô Azevedo:

-
- I. Ele [o negro conveniente] perde a oportunidade de apontar o racismo que vê no dia a dia, mas não perde o amigo.
 - II. Um tipo ainda mais divertido e fascinante, porque belo, atento, forte, autoconfiante e intenso: o negro inconveniente.
-

- a) Identifique as palavras que ligam as orações nos dois trechos. *Trecho I: mas; trecho II: porque.*
- b) No texto, em qual trecho a palavra que liga uma oração à outra:
 - estabelece uma relação de explicação? *No trecho II.*
 - estabelece uma relação de oposição? *No trecho I.*

Conceituando

As orações se relacionam umas com as outras por meio de uma palavra ou expressão que as liga. Essa palavra ou expressão é chamada de **conjunção**. As relações e circunstâncias que as conjunções estabelecem são um dos fatores responsáveis pela textualidade, ou seja, elas contribuem para que um texto seja coerente e coeso, e não uma sequência de palavras ou frases sem ligação umas com as outras.

232

Fonte: Cereja e Viana (2022, p. 232).

Após este exercício, como exposto nas figuras 4 e 5, o livro apresenta o conceito das conjunções, seguindo da classificação das mesmas, como mostra a figura 6 abaixo. Este conceito segue os moldes da gramática descritiva, na qual a mesma, segundo Possenti (1996), se caracteriza como “conjunto de regras *que são* seguidas — é a que orienta o trabalho dos linguistas, cuja preocupação é *descrever* e/ou *explicar* as línguas tais como elas são faladas.” (Possenti, 1996, p. 65).

A figura 6 abaixo, traz a classificação das conjunções coordenadas e subordinadas, porém antes desta classificação os autores mostram como essas conjunções se apresentam nos enunciados.

Figura 6: Momento em que o LD traz a classificação das conjunções.

As conjunções relacionam também termos semelhantes da mesma oração. Veja os exemplos:

"[...] O Senhor dos Anéis e toda a mitologia nórdica têm origem em contos pensas ancestrais [...]"

sujeito

A sociedade não abandonou o preconceito, a discriminação e o racismo.

objeto direto

Assim, concluímos:

Conjunção é a palavra ou expressão que relaciona duas orações ou dois termos de mesmo valor sintático.

Duas ou mais palavras que, juntas, exercem o papel de conjunção são chamadas de **locução conjuntiva**: **já que**, **se bem que**, entre outras.

Depois **que** ele teve o primeiro chefe negro, resolveu refletir sobre questões raciais no jornal.

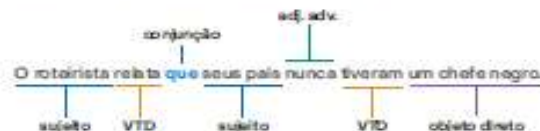
► CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

Observe a estrutura sintática destas orações:



Repare que cada uma das duas orações tem todos os termos sintáticos necessários para que elas façam sentido. A palavra que as relaciona – **e** – recebe o nome de **conjunção coordenativa**.

Observe, agora, como se relacionam estas orações:



Note que o verbo da 1ª oração é transitivo direto e, portanto, necessita de um complemento. Esse complemento é toda a 2ª oração, que funciona como objeto direto do verbo **relatar**. Assim, existe uma dependência sintática, uma relação de subordinação entre as orações. A palavra que as relaciona – **que** – recebe o nome de **conjunção subordinativa**.

Assim, concluímos:

As **conjunções coordenativas** ligam palavras ou orações de mesmo valor sintático.

As **conjunções subordinativas** inserem uma oração na outra, estabelecendo entre elas uma relação de dependência sintática.

Fonte: Cereja e Viana (2022, p. 233).

Em relação à classificação das conjunções coordenadas e subordinadas, observa-se na figura 6 que esta classificação se dá a partir das abordagens da gramática normativa, como na definição do estudioso Bechara (2009): “As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados” (Bechara, 2009, p. 394). Já a conjunção subordinada o autor define como aquela que é “um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical” (Bechara, 2009, p. 395).

Após a introdução sobre as conjunções, o livro apresenta o primeiro exercício diretamente sobre as conjunções, representado na figura 7 logo abaixo.

Figura 7: 3º Exercício sobre as conjunções.

1. Leia esta tira, de Chris Browne, em que há três personagens: o casal Hagar e Helga e a sogra de Hagar.



- a) O humor da tira se constrói sobre uma quebra de expectativa. Qual?
 b) Agora, releia a fala de Helga. Qual é a predicação do verbo **saber**? VTD.
 c) Essas orações dependem uma da outra sintaticamente? Sim..
 d) A conjunção **que** é coordenativa ou subordinativa? É subordinativa.

Fonte: Cereja e Viana (2022, p. 234).

Nesta questão observa-se que a letra (a) envolve a habilidade EF69LP05 da BNCC, que consiste em inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, gifs etc., o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.

Já a letra (b) aborda a questão do aluno identificar qual é a predicação do verbo, trabalhando a habilidade EF08LP06, que consiste em identificar, em textos lidos, os termos constitutivos da oração (sujeito, predicado e seus complementadores e modificadores). As letras (c) e (d) referem-se à habilidade EF08LP12, esta que consiste em identificar, em textos lidos, orações subordinadas a partir das conjunções contidas na mesma. A questão (d) pede apenas para o aluno identificar se a conjunção é coordenativa ou subordinativa, não mais que isso, implicando que o aluno já deveria ter um conhecimento acerca das conjunções.

Vejamos, na figura 8, como é dada continuidade ao exercício:

Figura 8: 4º Exercício sobre as conjunções.

2. Leia este trecho de um conto.

-----○-----

Tia Clea não gostava de mim porque um dia a vi sem dentadura e ninguém nunca a tinha visto sem dentadura. Ela disse que eu ia pagar caro. Eu tinha medo só de olhar para a cara dela. Era médica e falou para Mamãe que, se não tratasse da minha gripe, podia virar coisa séria: receitou uma injeção que me fazia berrar de dor e deixava o braço inchado. Eu me escondia no quintal, fugia para a rua, xingava, gritava, espemeava, quebrava as coisas: Mamãe desistiu da injeção, e eu sarei. [...]

VILHIA, Luiz. Meus oito anos. In: VILHIA, Luiz. *Contos da infância e da adolescência*. São Paulo: Ática, 2011. p. 29.

-----○-----

a) Por que o narrador-protagonista tinha tanto medo da injeção? Porque ele associou a injeção à fala da tia de que pagaria caro por tê-la visto sem a dentadura.

b) Agora observe como o contista constrói essa narrativa, identificando as conjunções presentes no texto. Porque, e, que, e, que, se, que, e, e.

3. Leia estes títulos de textos jornalísticos:

-----○-----

Índios superam preconceito e assumem protagonismo em várias áreas
Disponível em: <https://www.comeiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/04/19/interna-brasil.674649/indios-superam-preconceito-e-assumem-protagonismo-em-varias-areas.shtml>. Acesso em: 15 maio 2022.

Empresas adoram a diversidade, desde que não precisem revelá-la
Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/empresas-adoram-a-diversidade-desde-que-nao-precisem-revela-la/>. Acesso em: 15 maio 2022.

3. a) Há duas orações, pois o enunciado de cada título tem duas partes, cada uma organizada em torno de um verbo: superam e assumem, no primeiro; adoram e precisam, no segundo.

3. b) No primeiro título, e estabelece uma relação de adição; no segundo, desde que estabelece uma relação de condição.

-----○-----

a) Quantas orações há em cada título? Justifique sua resposta.

b) Identifique a conjunção e a locução conjuntiva que ligam as orações em cada título, bem como as relações que cada uma estabelece entre as orações.

c) Identifique qual conjunção é coordenativa e qual é subordinativa e justifique sua resposta.
A primeira conjunção é coordenativa, já a locução é subordinativa. As ações referidas na primeira oração, superam e assumem, ocorrem de maneira paralela e independente, ao passo que a ação de adorar, no segundo título, depende diretamente da ação de não precisar revelar.

234

Fonte: Cereja e Viana (2022, p. 334).

Nas questões 2 e 3, representadas na figura 8, usa-se o texto como pretexto para resolver o que está sendo solicitado, dessa maneira observa-se uma abordagem típica da gramática normativa. Desse modo não trabalha o texto em sua potencialidade como sugere a Gramática Textual, está que, segundo Dijk (1973), procura demonstrar que a análise de um texto não é redutível a uma análise frasal; para tanto, aponta o fato de existirem certas sequências frasais, absolutamente irredutíveis a frases únicas compostas, o que confirma que “a diferença entre sequência (texto) e frase (longa) não é apenas uma diferença de desempenho estilístico” (Dijk, 1973, apud, Neis, 2014, p. 29-30).

Ao abordar uma questão em que o texto é usado com pretexto para o aluno identificar uma classe de palavras, o livro não está nem trabalhando o texto em sua totalidade e nem despertando no aluno a reflexão sobre o uso desses objetos gramaticais.

Analisando o exercício apresentado, vemos que as questões do mesmo pedem para os alunos apenas fazerem a identificação das conjunções quanto à sua funcionalidade dentro dos trechos apresentados nas questões, desse modo não é apresentado algo que o leve a refletir o porquê do uso dessa conjunção.

Com isso levamos em consideração os apontamentos de Trindade (2003) ao afirmar que “a uma perspectiva tradicional, na apresentação da classe gramatical das conjunções, o enfoque

é dado a classificação das mesmas em consonância a classificação em períodos compostos – coordenados ou subordinados.” (Trindade, 2003, p. 107).

Saindo do universo de introdução e conceitualização das conjunções através de exercícios observamos que a figura 9 abaixo expõe diretamente detalhes da classe de palavras em questão.

Figura 9: Momento em que o LD traz a definição sobre os tipos de conjunções.

Conjunções coordenativas

As conjunções coordenativas classificam-se em **aditivas**, **adversativas**, **alternativas**, **conclusivas** e **explicativas**. Todas elas ligam dois termos ou duas orações e estabelecem entre esses termos ou orações um tipo de relação. Veja o quadro a seguir.

Conjunções coordenativas			
	Relações que estabelecem	Principais conjunções	Exemplos
Aditivas	adição, soma	e, nem (e não)	Telefonei para ele e já dei seu recado.
Adversativas	oposição, contraste	mas, porém, todavia, contudo	Gostaria de ir à festa, mas estou doente.
Alternativas	separação, exclusão	ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer	Ora estuda piano, ora estuda flauta.
Conclusivas	conclusão	logo, pois, portanto, por isso	Não estudou com disciplina, portanto provavelmente será reprovado.
Explicativas	explicação, justificativa	que, porque, porquanto, pois	Vamos embora, pois já é tarde.

Conjunções subordinativas

As conjunções subordinativas compreendem dois grupos: as **adverbiais** e as **integrantes**.

As conjunções **que** e **se**, quando introduzem orações que funcionam como sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal ou aposto da oração principal, são chamadas de conjunções **integrantes**.

As conjunções subordinativas **adverbiais** classificam-se em **causais**, **comparativas**, **concessivas**, **condicionais**, **conformativas**, **consecutivas**, **finais**, **proporcionais** e **temporais**. Todas elas iniciam orações que exprimem uma circunstância adverbial em relação ao fato expresso na oração principal. Veja no quadro a seguir.

Conjunções subordinativas adverbiais			
	Circunstâncias que expressam	Principais conjunções	Exemplos
Causais	causa, motivo, razão do efeito	porque, como, visto que, já que	Comprei apenas as revistas, porque nenhum livro me interessou.
Comparativas	comparação	como, que, quanto, do que	Ele está tão confuso quanto o irmão.
Concessivas	concessão	embora, ainda que, se bem que, mesmo	Ele não participará do jogo de futebol, embora você insista.
Condicionais	condição	se, caso, contanto que, desde que, a menos que	Se ele tivesse dinheiro na poupança, aproveitaria essa promoção.
Conformativas	conformidade	conforme, como, segundo	A Feira de Ciências ocorreu conforme todos tinham planejado.
Consecutivas	consequência	(tal, tão, tanto) que, de modo que	Falou tanto na reunião, que ficou rouco.
Finais	finalidade	para que, a fim de que, que	Chegue mais cedo a fim de que possamos conversar.
Proporcionais	proporção	à proporção que, à medida que	O preço da carne aumenta à proporção que esse alimento falta no mercado.
Temporais	tempo, momento	quando, antes que, depois que, logo que	Quando a banda deu seu acorde final, os organizadores deram início aos jogos.

Fonte: Cereja e Viana (2022, p. 335).

Esta explanação que o LD apresenta sobre os tipos de conjunções é fundamental para que o aluno se aprofunde no assunto e consiga resolver os exercícios propostos pelo documento. Porém o livro só traz essa explanação após 2 exercícios, em que um deles pede para o aluno

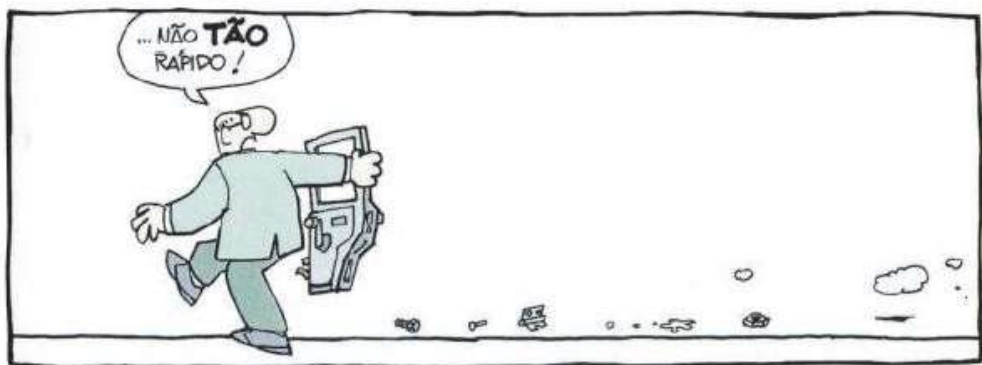
identificar a conjunção (que), de modo que, como citado acima o aluno já tem que ter um conhecimento prévio sobre o conteúdo. Este quadro que o livro nos mostra sobre as conjunções se assemelha aos estudos de Cegalla (2008). Abordado na seção 2.4 deste trabalho.

Na sequência temos figura 10 na qual encontra-se um exercício que em uma das suas questões aborda o estudo das conjunções. o que está expresso na:

Figura 10: 5º Exercício sobre as conjunções.

Exercícios

1. Leia este cartum, de Laerte:



1. a) O personagem deve ser um passageiro de um táxi, pois segura a porta do carro e vê rastros de fumaça deixados pelo veículo. Ele estava com tanta pressa que, ao pedir ao motorista que fosse rápido, acabou perdendo a corrida.

a) O que o leitor deduz sobre a situação em que se encontra o personagem da tira pelos elementos visuais do cartum?

b) Levante hipóteses: Qual foi a orientação dada pelo personagem ao seu interlocutor? Entre outras possibilidades: "Vá rápido!"; "Quero chegar rápido!".

c) Qual conjunção fica subentendida na fala do passageiro mostrada no cartum? Que relação essa conjunção estabelece com a possível fala anterior dele?
 A conjunção **mas**, que estabelece uma relação de oposição com o que foi dito antes.

Fonte: Cereja e Viana (2022, p. 335).

As questões (a) e (b) são uma preparação para chegar à questão (c). A questão (a) solicita que o aluno identifique a situação do personagem da tira a partir dos elementos visuais, já que nela há um trabalho com elementos verbais e não verbais. Já a questão (b) pede para o aluno levantar hipóteses sobre a orientação dada pelo personagem ao interlocutor. Essas 2 questões trabalham a habilidade EF35LP04 da BNCC, que se refere à habilidade de inferir informações implícitas em textos lidos. Isso significa que, ao ler um texto, o aluno deve ser capaz de identificar informações que não estão explícitas no texto, mas podem deduzir estas informações a partir do contexto exposto.

Com essas 2 questões que antecedem a questão (c), que trabalha especificamente a questão do emprego das conjunções, percebemos que o livro didático tenta trabalhar outros

aspectos da língua, mesmo trabalhando a classe das conjunções em específico. A questão (c) pede para o aluno dizer qual a conjunção que fica subentendida na fala do personagem e também pede para dizer qual relação a conjunção estabelece com a fala anterior, com isso percebemos que o exercício se diferencia daquelas de mera identificação da conjunção, neste caso o aluno já tem que ter um conhecimento mais profundo sobre conjunções para solucionar esta questão. Assim, é um exercício que conduz à reflexão sobre o uso real da língua. Com isso se observa que o livro em questão se pauta em mais de uma concepção de gramática. Observamos a gramática normativa e a gramática descritiva, como também, em exercícios e resolução de questões, a orientação para os usos dos recursos da língua.

Partindo disto podemos observar que o livro tenta trazer o estudo gramatical mais contemporâneo, pois os autores do LD buscam construir o conceito para depois classificar as conjunções, ao modo que se aproxima de uma gramática mais descritiva. Porém nas questões trabalhadas na análise houve uma predominância maior de uma perspectiva normativa que contradiz com que os autores sinalizaram na apresentação do livro ao aluno. Entretanto, se considerarmos as demais questões não explicitadas, talvez essa predominância não aconteça.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar como as conjunções são abordadas no livro didático de língua portuguesa da coleção “Português: Linguagens”, do 8º ano do ensino fundamental. Através da análise, foi possível alcançar esse objetivo. Destacando a abordagem atual dos livros didáticos em relação às conjunções, observou-se que transita entre a gramática normativa e a gramática descritiva. Em alguns casos, há também nuances de uma perspectiva linguística, que valoriza a reflexão crítica sobre o conteúdo gramatical estudado pelos alunos.

Com isso observa-se que o livro didático estudado aborda perspectivas de uma gramática normativa, mas também perspectivas de uma análise linguística, desse modo desenvolvendo um olhar mais amplo e contextualizado sobre as conjunções, o que favorece melhor a compreensão por parte do aluno sobre o conteúdo e como ele pode aplicar isso em sua comunicação no dia a dia. Além disso, o estudo nos deixa claro que o LD atual se preocupa em passar para o aluno o uso reflexivo da língua, com isso promovendo um estudo de gramática mais eficaz, sem o peso de o aluno obrigatoriamente entender todas as regras gramaticais sem saber como e quando usar.

Estudos futuros podem aprofundar-se mais nessa análise, buscando observar como são abordadas outras classes de palavras em outros livros didáticos. A partir da análise de outros

materiais, pode-se encontrar outras tendências como também lacunas em relação ao ensino de gramática, promovendo assim diversas maneiras para melhorar os métodos do mesmo. A continuação da pesquisa é fundamental para observar como o ensino da gramática está acontecendo nos dias atuais e também futuros, com isso garantindo que este ensino evolua se mantendo relevante e eficaz.

Em síntese, a análise realizada no trabalho destaca que o ensino de gramática no livro didático vem se tornando cada vez mais próximo do uso reflexivo da língua, apesar do mesmo ainda trazer consigo muitas nuances de uma gramática normativa, essa que também tem sua importância no funcionamento da língua. É comum que as perspectivas linguísticas e de gramáticas normativas estejam presentes nos estudos de classes de palavras, e a partir disso cabe a nós professores e usuários da língua conduzir o nosso aluno da melhor maneira possível para que o mesmo possa extrair o máximo que o estudo da língua portuguesa tem a oferecer.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARATO, M. L.; BARCELOS Amaral-Schio, R. Uma trajetória histórica dos livros didáticos: um foco nas políticas públicas implementadas nos séculos XX e XXI. (2021). **Intermaths**, n. 2, v. 1, p. 88-105, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/intermaths.v2i1.807>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CEREJA, W. **Português: linguagens : 8º ano** /William Cereja e Carolina Dias Vianna. -- 11. ed. -- São Paulo : Saraiva Educação S.A., 2022. (Português linguagens).
- DUARTE, M. E. L. (2012). Sobre o ensino da gramática nos níveis fundamental e médio: por que, quando e como? **Matraga** – Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da UERJ,

n. 19, v. 30, p. 41-56, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraca/article/view/22620>. Acesso em: 10 nov. 2024.

FERREIRA, S. N. **A trajetória do livro didático no Brasil: um olhar sócio-histórico.** Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <URL>. Acesso em: 26 out. 2024.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia de pesquisa para o professor pesquisador.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NEIS, I. A. Por uma gramática textual. **Letras De Hoje**, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/18206>. Acesso em: 10 nov. 2024.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola** / Sírio Possenti — Campinas, SP :Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil)

ROJO, R. O perfil do livro didático de língua portuguesa para o ensino fundamental (5ª a 8ª). In: ROJO, R.BATISTA, A. A. G. (orgs.). **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

SILVA, J. **A origem do livro didático: como o livro foi criado, a origem do livro didático e a importância do uso do livro didático para alunos e professores dentro da sala de aula.** In: PEREIRA, Maria (Org.). **História da educação.** 2. ed. São Paulo: Editora Educação, 2024. p. 23-45.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação: Uma Proposta para o Ensino de Gramática.** Parábola Editorial, 2021.

TRINDADE, M. Sobre o ensino de gramática: uso e reflexão nas aulas de língua portuguesa. In: FRANCELINO. P. F. (org.). **Linguística aplicada à língua portuguesa no ensino médio: reflexões teóricas metodológicas.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. p. 90-125.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me proporcionar perseverança durante toda a minha vida. Aos meus pais Lucineide e Reginaldo pelo apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações. As minhas irmãs Renata e Larissa e Isté Alcântara pela amizade, atenção, carinho e apoio dedicados quando sempre precisei. A Leo por toda ajuda, carinho, amizade e apoio quando precisei na condução do meu curso e no TCC. A minha primeira professora Aparecida Oliveira desde o ensino fundamental, como também a todos os demais professores que colaboraram sempre em minha jornada acadêmica, desde ensino médio e na graduação também. Agradeço em especial ao meu professor orientador Dr. Jordão Joanes Dantas da Silva pelas valiosas orientações dadas durante todo o processo de produção do meu trabalho, por seu tempo, sua disposição, paciência e dedicação, por acreditar em mim e em meu trabalho, por trabalhar comigo por tantos dias. A

todos os meus amigos do curso de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com espírito colaborativo. Em especial a minha Amiga Andreza Pereira por todo o incentivo e carinho para comigo desde sempre. Também quero agradecer à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e ao seu corpo docente que demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino.